

VOLUME 1
Cartografias
contracoloniais



ATLAS DA PRESENÇA QUILOMBOLA EM PORTO ALEGRE/RS

Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carlos André Bulhões Mendes, *Reitor*

Patricia Pranke, *Vice-reitora*

Júlio Otávio Jardim Barcellos

Pró-Reitor de Pós-Graduação e

de Coordenação Acadêmica (PROPG)

José Antonio Poli de Figueiredo,

Pró-Reitor de Pesquisa (PROPEAQ)

Adelina Mezzari,

Pró-Reitora de Extensão (PROEXT)

José Antônio dos Santos,

Diretor do Departamento de Educação

e Desenvolvimento Social (DEDS)

Alan Alves Brito,

Coordenador do Núcleo de Estudos

Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEABI)

Luis Carlos Espindula,

Diretor da Gráfica da UFRGS

Instituto de Geociências

Nelson Luiz Sambaqui Grüber, *Diretor*

Paulo Roberto Rodrigues Soares,

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

em Geografia (POSGEA)

Marcelo Argenta Câmara,

Chefe do Departamento de Geografia

Cláudia Luísa Zeferino Pires,

Coordenadora do Núcleo de Estudos de

Geografia & Ambiente (NEGA)

Fomento

CAPES/POSGEA

CNPq

PROEXT/UFRGS

NEABI/UFRGS

Parcerias

Frente Quilombola RS

Instituto de Assessoria às Comunidades

Remanescentes de Quilombos

Akkani - Instituto de Pesquisa e Assessoria em

Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnias

 atlasquilombosportoalegre@gmail.br | www.ufrgs.br/nega



POSGEA

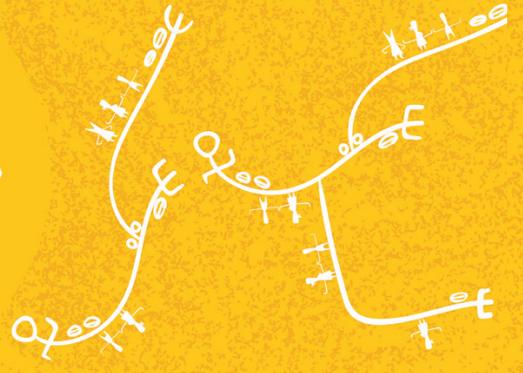
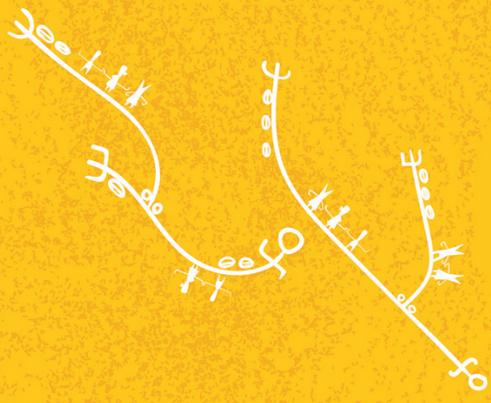


**ATLAS DA
PRESENÇA QUILOMBOLA
EM PORTO ALEGRE/RS**

Volume 1

**Cartografias
contracoloniais**

**Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras**



QUILOMBO DA MOCAMBO

DE ESTAR NO MUNDO (HABITAÇÃO)

*Casa é onde eu tenho
cravado meus esteios
chão sangrando seiva
na planta de meus pés.*

*Residência é onde eu vivo
e me construo
pedra sobre pedra
Onde também eu moro
pedra sobre Pedro.*

*Morada é onde eu moro
e desmorono.*

Oliveira Silveira, 1976



VERSÃO DIGITAL

COMO CITAR:

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado; ESPÍNDOLA, Maria Elaine Rodrigues; ESPÍNDOLA, Daniela Rodrigues; MEINERZ, Carla Beatriz; KISSONDE, Duan. Quilombo da Mocambo. In: PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado (org.). *Atlas da presença quilombola em Porto Alegre/RS*. Porto Alegre: Letra1, 2021, p. 343-372



NARRATIVAS ESPACIAIS DO QUILOMBO DA MOCAMBO

O Quilombo da MOCAMBO é uma comunidade centenária, localizada no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre (Figura 1). No ano de 2020, o Núcleo de Estudos de Geografia & Ambiente (NEGA/UFRGS), através das mediações de Carla Meinerz e de Duan Porto Barcellos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), entrou em contato com Maria Elaine Rodrigues Espíndola, liderança quilombola, para a realização da cartografia social do Quilombo da MOCAMBO.

Devido à pandemia de Coronavírus, durante o ano de 2020, fez-se necessário que o levantamento das informações, comumente reunidas em trabalho de campo, fosse organizado, através de chamada *online*, via plataforma *Google Meet*, realizado no dia 10 de setembro de 2020. A partir desta entrevista, da oralidade e da realização de revisões bibliográficas, desenvolvemos este capítulo, que objetiva representar o território e a territorialidade quilombolas da MOCAMBO, bem como servir de instrumento técnico nas lutas dessa comunidade.

Maria Elaine Rodrigues Espíndola, professora, Mestra Griô, liderança do Quilombo da MOCAMBO e presidenta da Associação Comunitária Amigos e Moradores do Bairro Cidade Baixa e Arredores, a MOCAMBO, que atua em conselhos municipais, como nos do Orçamento Participativo, dos Direitos Humanos e da Saúde, e em comissões de cidadania, narra sua história, que tem profundas relações com seu espaço e com suas vivências territoriais na Cidade Baixa. É reconhecida como Griô pelo Projeto Museu Percurso do Negro em Porto Alegre/Centro de Referência Afro-Brasileira/Programa MONUMENTA (2009), tendo recebido esse reconhecimento de José Alves Bitencourt (Mestre Lua) no processo da criação do Centro de Referência Afro-Brasileiro (CRAB) nos anos 1990, momento em que o significado da tradição Griô começa a ser compartilhado no movimento negro de Porto Alegre. Tornou-se a primeira Mulher Griô de Porto Alegre, pela Câmara Municipal de Vereadores, em 2010, durante a Semana da Consciência Negra da cidade. Esse reconhecimento tornou-a uma das artistas plásticas da obra o *TAMBOR*, primeira obra do CRAB, localizado na praça Brigadeiro Sampaio, no centro de Porto Alegre.

Também nos anos 1990, nesse mesmo processo, iniciado pelo CRAB, está o reconhecimento dos Griôs Mestre Borel e Mestre Nilo Feijó. Mestre Lua era liderança do GT Angola-Janga, entidade negra, coordenadora executiva do Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre, nascido da reivindicação da comunidade negra da cidade e de proposta elaborada pelo CRAB. Elaine reforça que a comunidade negra, organizada no CRAB, optou por abrir mão de uma sede, para tornar possível um museu a céu aberto, com as marcas da diáspora africana na cidade.

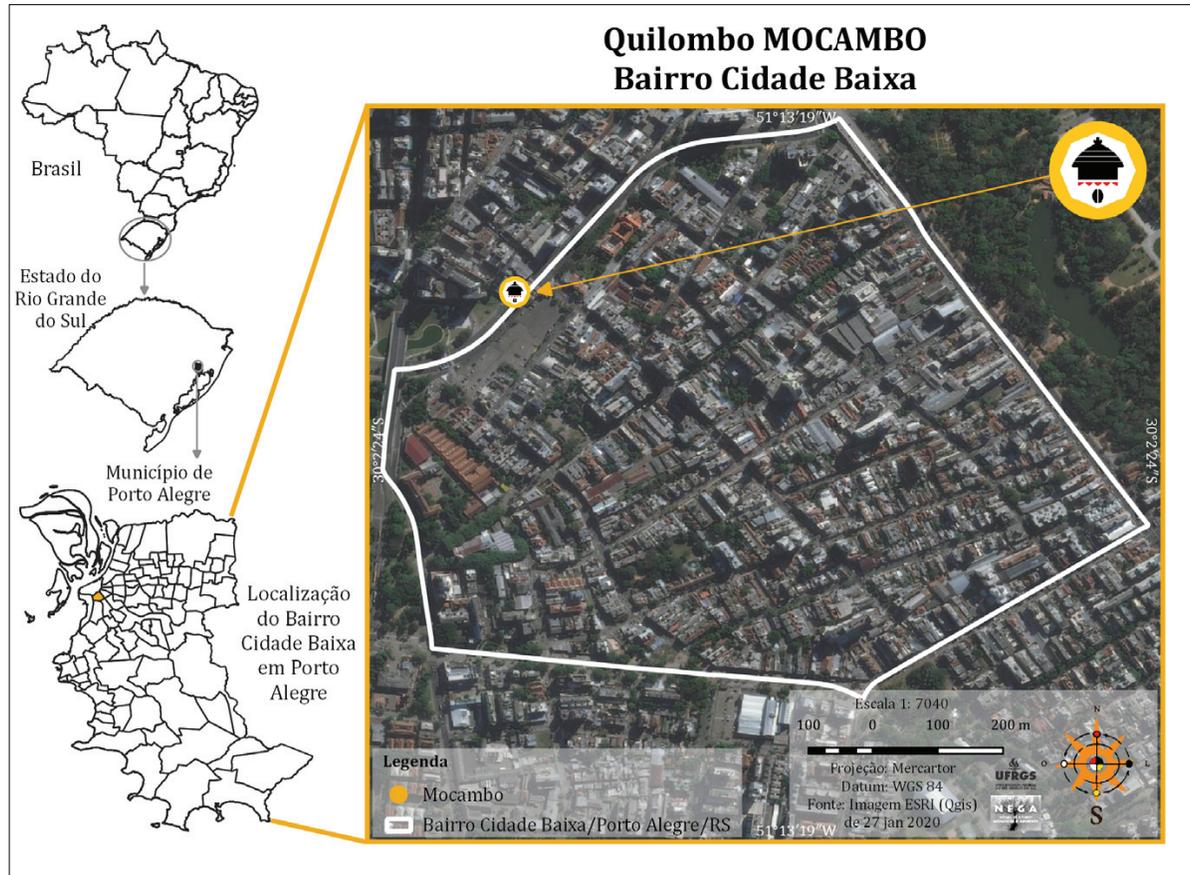


Figura 1 – Mapa de localização do Quilombo da MOCAMBO
Fonte: NEGA (2021).

As memórias e a história da população negra da cidade perpassam as ações de sua família, com origem no município de São Sebastião do Caí, distante 65 km de Porto Alegre, e dela, mesma – Elaine –, nascida em Porto Alegre, no ano de 1947, no Hospital Santa Casa, que voltou a São Sebastião do Caí, para viver a primeira infância na beira do rio Riachuelo, em que vivia a família da avó materna, a senhora Maria Alaíde dos Santos, que, além de sua mãe, Maria Eulália Rodrigues, teve mais dezessete filhos.

Do alto de seus 74 anos (Figura 2), Elaine narrou a história e a trajetória da MOCAMBO, destacando as iniciativas culturais, as lutas e os projetos de seu quilombo, que se organiza, através do corpo e das presenças das famílias, que compõem a MOCAMBO, junto com o bairro Cidade Baixa. Elaine estudou numa escola ginásial, mantida por freiras em São Sebastião do Caí, fez magistério em Montenegro, no Colégio Jacob Renner, lecionou em escolas do interior, marcadas pela colonização alemã, como Pareci Novo e Capela de Santana, iniciou o curso de Direito e Letras/Curta Duração na Unisinos e, atualmente, é aposentada como professora de braile.

A MOCAMBO é uma teia de relações entre as famílias e os sujeitos negros e afro-indígenas, que vivem e que produzem o bairro Cidade Baixa. Anterior às



políticas de remoções de 1950-1970, a MOCAMBO, assim como o Quilombo do Areal, é marca da resistência dos sujeitos negros, que permanecem nesse espaço e que possuem profunda relação com a antiga Ilhota. afirmando suas práticas, através do Carnaval e do batuque. Esses elementos culturais e suas práticas espaciais conectam e confluem os sujeitos, que fazem a MOCAMBO, e é do movimento desses corpos que se dá a afirmação quilombola da comunidade. Atualmente, 15 famílias compõem a MOCAMBO, mas, inicialmente, eram 22, que estão espalhadas entre os bairros Glória, Restinga e Cidade Baixa.

Maria Elaine Rodrigues Espíndola nasceu em Porto Alegre, em 1947, mas sua avó, Maria Alaídes dos Santos, vivia no interior, no município de Sebastião do Caí, próximo ao Rincão das Cachoeiras, nas proximidades do Quilombo da Conceição. Quando sua mãe, Maria Eulália Rodrigues (Figura 3), teve o segundo casamento, ela veio para Porto Alegre, porém Elaine ficou, em diversos momentos, com a avó e compartilhou de seus muitos aprendizados, como, por exemplo, o contato com as plantas e o respeito e o cuidado com as ervas, que, até os dias atuais, têm suas memórias preservadas e cuidadas no atual terreno



Figura 2 – Maria Elaine Rodrigues Espíndola.
Foto: Carolina da Fé, 22/11/2007
Fonte: <http://www2.camarapoa.rs.gov.br/>



da MOCAMBO. Sua mãe era conhecida como a Mariazinha da Praiana e foi uma das primeiras mulheres conselheiras da Escola de Samba, assim como fundou a ala *VERDE QUE TE QUERO ROSA* da Escola de Samba da Praiana, quando a arquibancada do desfile era colocada em frente ao terreno da MOCAMBO na Av. Loureiro da Silva, em que ocorriam os desfiles. Sua mãe foi musa do tema-enredo, escrito por Mário Quintana, e destaque no carro alegórico, no desfile do ano de 1986. Mestre Elaine lembra de ver o poeta Mário Quintana, acompanhando o desfile do outro lado da avenida. O amor pelo Carnaval continua até os dias atuais com seu filho Cláudio Rodrigues Espíndola, suas filhas Daniela e Cristiane Rodrigues Espíndola, sua neta Olívia Rodrigues Kuhn e sua nora Sabrina Kuhn.

Sua mãe trabalhava como funcionária de casas familiares e aprendeu a escrever seu nome, quase no fim da vida. Foi casada duas vezes. Do primeiro casamento, teve Elaine, e do segundo, os demais filhos. O pai de Elaine, José Francisco Rodrigues, trabalhava na antiga fábrica da Brahma em Porto Alegre e faleceu, quando Elaine tinha seis meses. O pai dos filhos de Elaine, já falecido, era de Pelotas.



Figura 3 – Maria Eulália Rodrigues numa festa da Academia de Samba Praiana, na antiga sede da Avenida Padre Cacique, em 1991, em Porto Alegre.

Fonte: acervo da família de Elaine.



A MOCAMBO, assim como o Quilombo do Areal, expressa as marcas do protagonismo e da resistência das comunidades negras, que buscam sua permanência no solo de sua ancestralidade, seja na região da antiga Ilhota, afirmando suas práticas, através do Carnaval e do batuque na região da Colônia Africana e nos arredores. Mulheres, como Regina Albuquerque, que passou a infância na rua Pantaleão Telles, atual Washington Luís; Nara Soares; Hiara Menna Barreto; Jolita Fagundes e Tia Romilda, entre outras, faziam parte do compadrio, que é uma das características da MOCAMBO. Segundo Elaine, a Tia Romilda e a Vó Alaídes vieram de barco de São Sebastião do Caí para Porto Alegre – o relato de Romilda desta travessia está guardado no Arquivo Histórico Moysés Vellinho, na Av. Bento Gonçalves. A Tia Romilda se casou com o tio João Rodrigues, que era do Rincão do Cascalho, perto de São Sebastião do Caí, e, atualmente, ainda faz parte da família, constituindo o Quilombo do Macaco Branco. O Tio Lago (José Abedelago) era a pessoa que fazia a ligação entre Porto Alegre e interior, contando as histórias e cuidando da família, trazendo coisas deliciosas para Elaine, então criança (Figuras 4, 5 e 6).

Conforme relato da prima Nina Rosa Rodrigues, João Florêncio Rodrigues (Figura 7) e Romilda, tia materna de Elaine, foram os fundadores da MOCAMBO em Porto Alegre. Com seu caminhão, João Florêncio transportava material para a construção do Estádio Beira-Rio e, também, do Edifício Santa Cruz (no centro de Porto Alegre). Quando morou na MOCAMBO, segundo relato da prima Nina, fazia cerveja, com produtos adquiridos no Mercado Público, consertava sombrinhas e plantou o abacateiro, que, ainda hoje, dá frutos no pátio da associação. Seu João participou das lutas da comunidade, junto ao Departamento Municipal de Habitação da Prefeitura de Porto Alegre, em 2010. Esses elementos culturais e suas práticas, vividas pelo compadrio, também conectam e irmanam as pessoas, que fazem a MOCAMBO, afirmando a identidade quilombola da comunidade.

O embrião da MOCAMBO, enquanto uma associação dos moradores da Cidade Baixa e arredores, começou quando a família de Elaine morava na rua Aureliano de Figueiredo Pinto e sua mãe conduziu pela última vez a ALA VERDE QUE TE QUERO ROSA para a avenida do Roxo (atual Antonio de Carvalho). Após o falecimento de sua mãe, mudaram-se para a rua Barão do Gravataí, 691, em que foi fundada a Associação Comunitária Amigos e Moradores da Barão do Gravataí (ACAMBRAGA), no início da década de 1990. Dentro da instituição ACAMBRAGA havia um núcleo muito ativo, denominado MOCAMBO, que era formado por famílias negras, em sua ampla maioria. Esse núcleo ganhou tanta força e popularidade, que acabou absorvendo a proposta da ACAMBRAGA, que passou a ser nomeada e reconhecida como MOCAMBO.

Além da mudança de nome, houve a mudança de endereço, pois a sede da associação também era local de moradia da família. A MOCAMBO se mudou para



Figura 4 – Confraternização em família. Da esquerda para a direita: Maria Elaine, João, Daniela, Nina Rosa, Romilda e Nilce Maria

Fonte: acervo da Mocambo (2007)

a rua João Alfredo, 503, em 1992, antigo local de moradia de Elaine e da família. Em 2015, o lugar pegou fogo, devido a um temporal, e se encontra interditado, até hoje. Muitos dos pertences e dos registros das lembranças de Elaine e de sua família estão nesse lugar, que também tem importantes documentos da memória da cidade. Segundo a Mestra Elaine, parte da rua João Alfredo (antiga rua da Margem (Figura 8), lugar em que se reuniam os grupos de samba, para criar música, para confraternizar e para organizar os preparativos do Carnaval, foi absorvida pela avenida Aureliano de Figueiredo Pinto.

Abaixo do nível da calçada tem uma escadaria, que se encontra com a canalização do Arroio Dilúvio; uma espécie de ancoradouro na rua João Alfredo, conhecida, em outros tempos, como rua da Margem. (depoimento pessoal de Maria Elaine Rodrigues Espíndola em entrevista concedida ao NEGA, em 10/09/2020)

Atualmente, a sede da MOCAMBO se encontra na Av. Loureiro da Silva, 1530, espaço conquistado com muita luta, para uso em atividades culturais (Figura 9).



ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA RODRIGUES

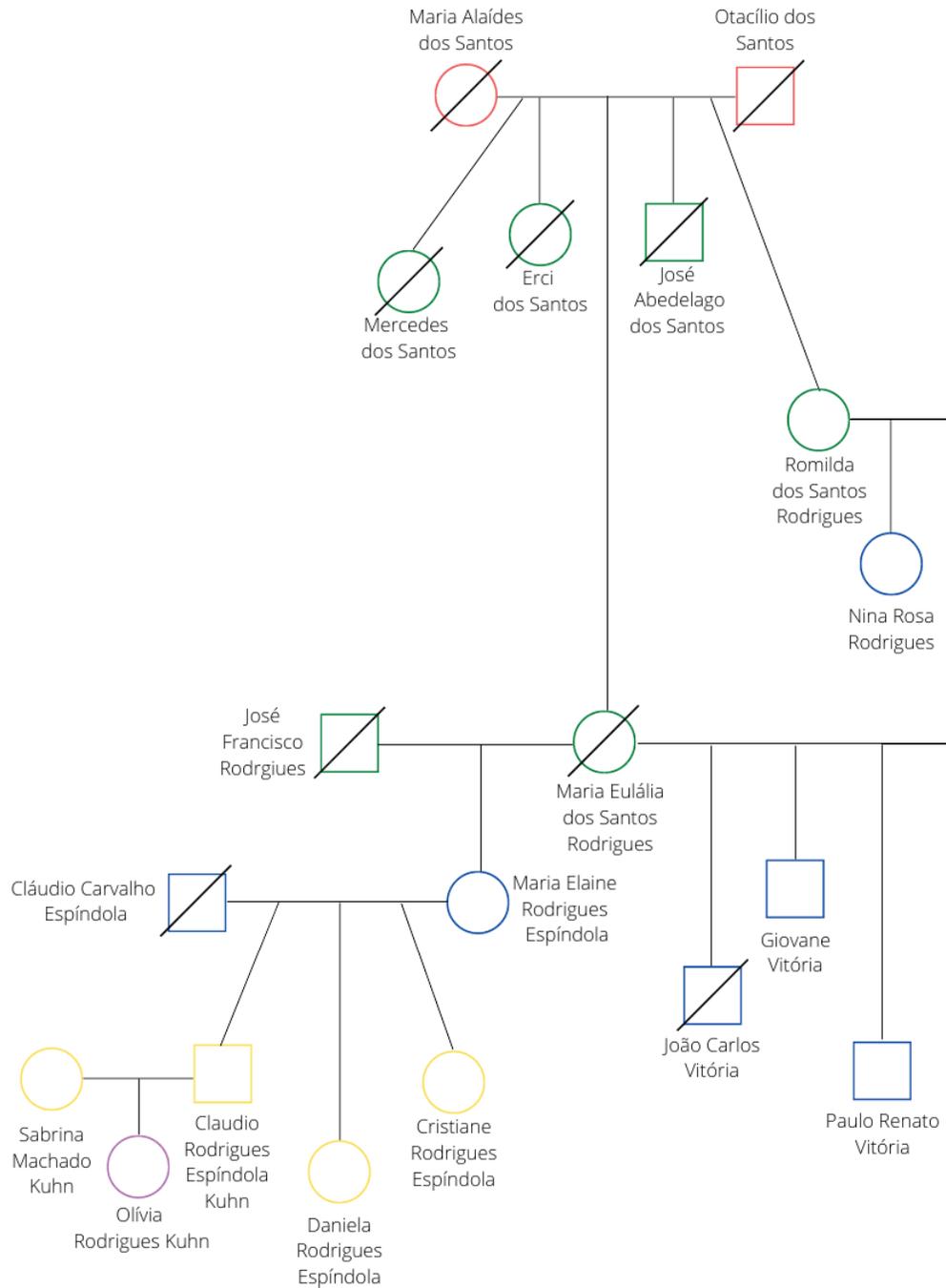
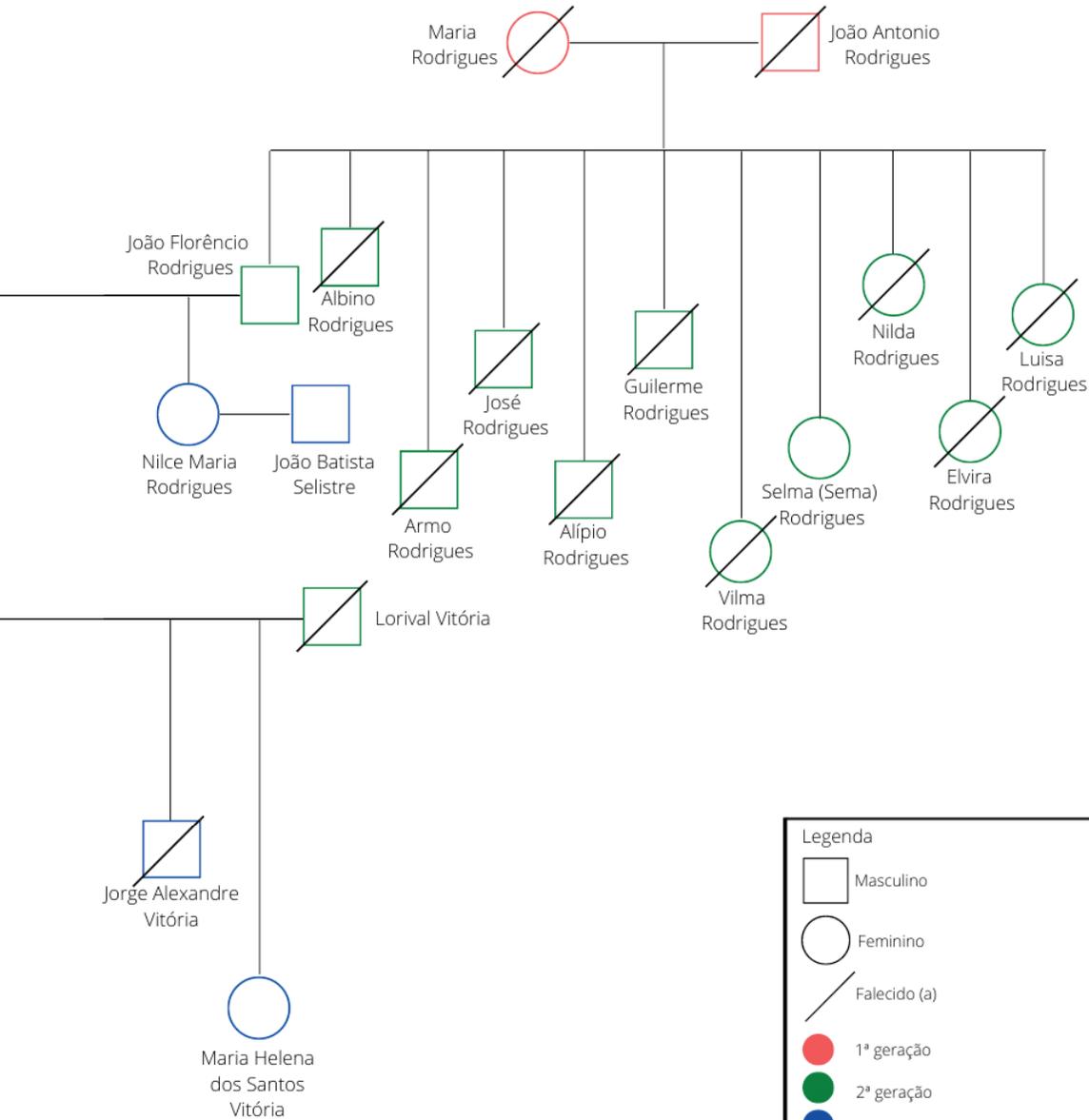


Figura 5 – Árvore genealógica da família Rodrigues
Fonte: NEGA (2020)



Legenda

- Masculino
- Feminino
- Falecido (a)
- 1ª geração
- 2ª geração
- 3ª geração
- 4ª geração
- 5ª geração

Núcleo de Estudos
Geografia e Ambiente -
NEGA/UFRGS
Novembro 2020



O termo Arredores, presente no nome oficial da Associação, demonstra uma visão abrangente e acolhedora dos conceitos de comunidade, de territorialidade, de sociabilidade e de moradia, características das cosmovisões afro-diaspóricas. A MOCAMBO resulta de uma diáspora africana no solo sulino do Brasil, que, ao mesmo tempo, transforma-se, por novas diásporas internas e pela falta de um território comum. Fundada por mulheres, essa associação objetiva reunir as crianças e os jovens em torno das práticas do Carnaval, dos saberes e dos fazeres dos mais velhos, com seus modos de ser e de viver, das rezas e das práticas religiosas e alimentícias, a fim de afastá-los das violências das drogas.

O Quilombo da MOCAMBO vem lutando, desde muito tempo, pelo reconhecimento e pela titularidade de sua terra. Nos anos 2000, a Associação se organizou, para se manter no solo sagrado da Cidade Baixa, território em que viveram, criaram laços, praticaram ritos religiosos e festivos/carnavalescos e em que circularam seus antepassados e suas memórias. Permanecer neste espaço significa manter vivas as memórias desses grupos e da própria cidade. A demora no reconhecimento territorial, por parte do Estado (Fundação Cultural Palmares), vem levando as famílias da MOCAMBO a migrar para outros espaços da cidade.

Diáspora Quilombola: Família Rodrigues, década de 1940

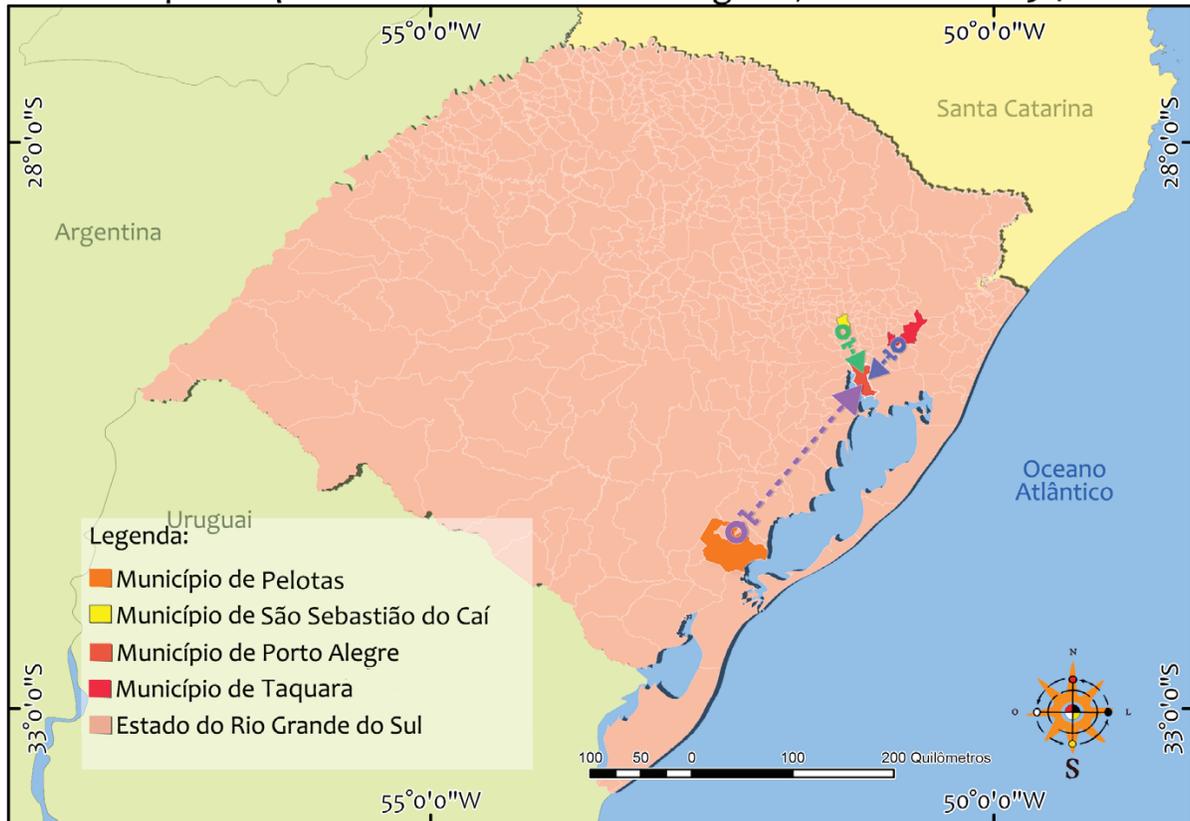


Figura 6 – Mapa da Diáspora da Família Rodrigues no Rio Grande do Sul, na década de 1940.

Fonte: NEGA (2020)



João Florêncio Rodrigues na construção do Edifício Santa Cruz no centro de Porto Alegre, 1950



João Florêncio Rodrigues no pátio da Mocambo, 2010

Figura 7 – Tio João Florêncio Rodrigues.
Fonte: acervo da família (s/d)



Figura 8 – Antiga rua da Margem, atual rua João Alfredo. Os fundos dos casarios davam direto para as margens do arroyo Dilúvio, em que se observam canoieiros navegando, na década de 1930.
Fonte: Hermann (s/d)



Entretanto, diversos movimentos da sociedade reconhecem a importância da MOCAMBO na cidade. Como exemplo, Maria Elaine narra a visita do tataraneto de Zumbi dos Palmares, José Mendes Ferreira Geleju Adelabu III, que esteve em Porto Alegre, em 2004, para receber um prêmio da Assembleia Legislativa. Nessa vinda, o descendente de Zumbi esteve no terreno da sede da MOCAMBO, para deixar sua bênção de ancestralidade. No ato, o Rei Geleju Adelabu III assinou o livro de atas e de registros da comunidade, representando um marco na historicidade da MOCAMBO (Figura 10). No mesmo ano, a MOCAMBO realiza evento de demarcação de seu território.

O ano de 2004 representou um marco no espaço e na história da MOCAMBO. Em 13 de julho de 2004, a prefeitura municipal publica o Decreto nº 14.593, que permite à Associação Comunitária e Moradores da Cidade Baixa e Arredores (MOCAMBO) o uso de próprio municipal, para que sejam desenvolvidas atividades de fins assistenciais, educacionais, culturais ou filantrópicas ampliadas em acordo com Estatuto da Entidade. Em 2018, contudo, a trajetória de luta da comunidade enfrenta nova situação, pois esse decreto é revogado, sendo substituído pelo Decreto Municipal nº 19.961, de 28 de março de 2018, que devolve a permissão do uso de bem público à associação.

O Quilombo da MOCAMBO se faz muito presente na cidade de Porto Alegre, através da realização e da participação em muitas atividades culturais, com destaque para a participação no Acampamento Farroupilha, no Parque Harmonia, em Porto Alegre, com o estabelecimento de um piquete. Este se iniciou como um espaço de resistência e de valorização das vivências, das crenças e dos modos de viver da cultura afro-gaúcha, que, nos dizeres de Maria Elaine, significa marcar o lugar “[...] *de quem não era patrão*”. No Acampamento Farroupilha de 2004, a MOCAMBO, identificada como *Piquete O MOCAMBO*, montou, junto aos clubes negros *Satélite Prontidão*, *Floresta Aurora* e *Lanceiros Negros*, o primeiro espaço com políticas negras no Parque Harmonia. Depois disso, Elaine, na patronagem, foi a primeira patroa negra do acampamento Farroupilha. A Figura 11 ilustra o espaço conquistado.

Em 2009, através do Orçamento Participativo (OP)¹, foi aceita uma nominata, feita pela Associação, com o nome das famílias, que poderiam viver no atual terreno, ou seja, ter direito ao território e ao erguimento de um condomínio residencial no mesmo. O condomínio não se tornou realidade. Igualmente, a insegurança sobre a propriedade da terra permanece. A MOCAMBO se tornou patrimônio cultural do município de Porto Alegre, desde 2012, e, a associação obteve aprovação de verbas, para o erguimento de 09 unidades habitacionais,

¹ O Orçamento Participativo é uma política pública, existente na cidade, desde 1989, com mecanismos democráticos, que propiciam um processo, pelo qual a população decide, de forma direta, a aplicação dos recursos em obras e em serviços, que serão executados pela administração municipal.



Figura 9 – Atual terreno do Quilombo da MOCAMBO, na Avenida Loureiro da Silva.
Fonte: acervo da família (s/d)

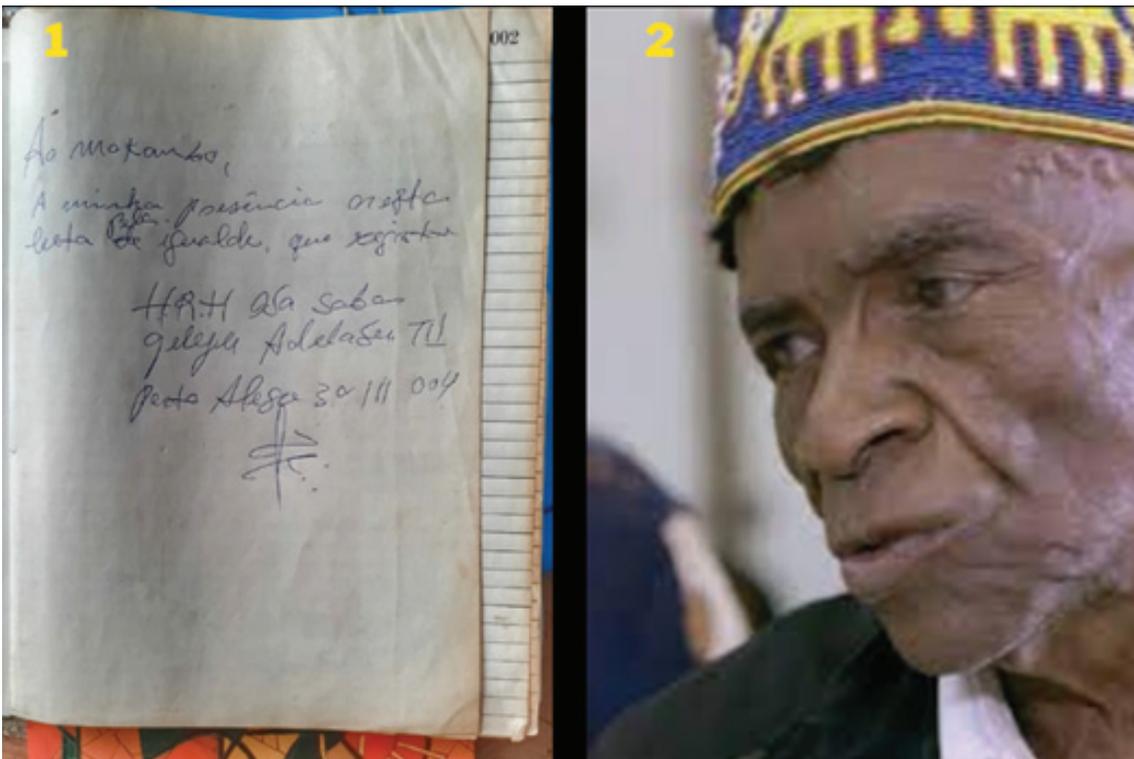


Figura 10 – À esquerda, assinatura do Rei Geleju Adelabu III no livro de atas e de registros da Comunidade, em 2004; à direita, foto do Rei Geleju Adelabu III no programa Chegadas e Partidas, da Rede Globo, em 2019
Fonte: arquivos da comunidade do Quilombo da MOCAMBO e (<https://www.facebook.com/watch/?v=571165910285346>)



Figura 11 – Piquete da Comunidade MOCAMBO no Acampamento Farroupilha, no Parque Harmonia, em 2005.

Fonte: acervo de Maria Elaine Rodrigues Espíndola (2005). Foto: Lucas Graeff, 2005.

via OP. Após, a proposta foi ampliada, com a conquista de um total de nove unidades de moradia, registradas no Plano de Investimento (PI) do OP. A luta pelo terreno e pelas moradias continua ativa, pois, de fato, ainda não há destinação de verbas, para a construção de edificações no local.

Em 2018, a associação foi contemplada pelo *Projeto Minha Casa, Minha Vida - Entidades*, política de financiamento em âmbito federal, viabilizada pela Caixa Econômica Federal, antigo Ministério das Cidades. O projeto não foi executado e Elaine e a comunidade sentem muito as movimentações, sem resultados, devido à falta de posse do terreno. O projeto não pode ser colocado em prática, devido à falta de titulação do terreno, que também esbarrou na falta de assistência e de estrutura, para a sua execução. O projeto, destinado à construção de 21 apartamentos para as famílias que compõem a MOCAMBO, foi impedido pela falta da Concessão de Direito Real de Uso (CDRU), por parte do poder público municipal. Certamente, esta é uma face do racismo estrutural, imposto às comunidades quilombolas de nosso país, que trata da demora da regularização fundiária de suas terras. O poder público municipal reconhece a importância da MOCAMBO para a cidade – como visto, em diversas ações,



premiações, reconhecimentos –, mas não possibilitou a doação do terreno, subsídio importante para a execução do projeto.

Na entrada do terreno, encontra-se uma falsa Seringueira, que sofreu grandes impactos no temporal de fevereiro de 2016, destruindo e precarizando o galpão de moradia de parte da família. A árvore não foi podada pelo poder público municipal, causando transtornos aos passeantes e inviabilizando a moradia no terreno. Os desafios da MOCAMBO são muitos e “[...] *seus passos vêm de longe*”.

Em 2018, a MOCAMBO recebeu o Troféu Carlos Santos, da Assembleia Legislativa. A honraria foi entregue à presidenta da entidade, Maria Elaine Espíndola, durante sessão solene, em homenagem ao Dia Estadual da Consciência Negra.

Em 2020, frente ao combate da pandemia do Coronavírus, a comunidade, que sempre se mobilizou nas lutas pela permanência no território, comemora a aprovação do Projeto de Lei nº 177/2018, de 02 de dezembro de 2020, que reconhece o Quilombo da MOCAMBO como espaço de Relevante Interesse Cultural do RS. Essa aprovação pressupõe que o Estado do Rio Grande do Sul deve amparar as iniciativas da comunidade, através de apoios, de financiamentos de projetos, de celebração de convênios e de programas de incentivos culturais.

Diversos setores da sociedade reconhecem as matrizes quilombolas da MOCAMBO, incluindo parcerias em projetos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, Maria Elaine Rodrigues Espíndola é Mestra Griô da disciplina *Encontro de Saberes*, enquanto espaço de reconhecimento das matrizes populares e das comunidades tradicionais e de povos originários, e está presente nas atividades de extensão, relacionadas ao Laboratório de Ensino de História e Educação (LHISTE) da UFRGS, associado ao *Projeto Territórios Negros: Patrimônios Afro-Brasileiros em Porto Alegre*.

Em outubro de 2019, a MOCAMBO participa da exposição *Migrações à Mesa*, narrando o quanto a “sustância”, palavras de Maria Elaine, compõe atos de resistência e de celebração em torno da alimentação e das tradições culinárias. Na página do Museu da UFRGS no *Facebook*, o vídeo dessa exposição pode ser acessado.

Consideramos a MOCAMBO, afirmativamente, como um território quilombola. Campos (2004) aponta uma importante discussão geográfica, para a designação desses territórios. Conforme o autor, “quilombo” era uma designação de fora. Era muito comum que os agrupamentos de resistência se autodenominassem “cerca” ou “mocambo”, tanto nas áreas rurais quanto em sítios, próximos aos espaços urbanos.

Na **Espiral das Resistências do Quilombo da MOCAMBO** (Figura 12) estão registrados os principais movimentos de ataque e de resistência da comunidade, ao longo de sua trajetória.

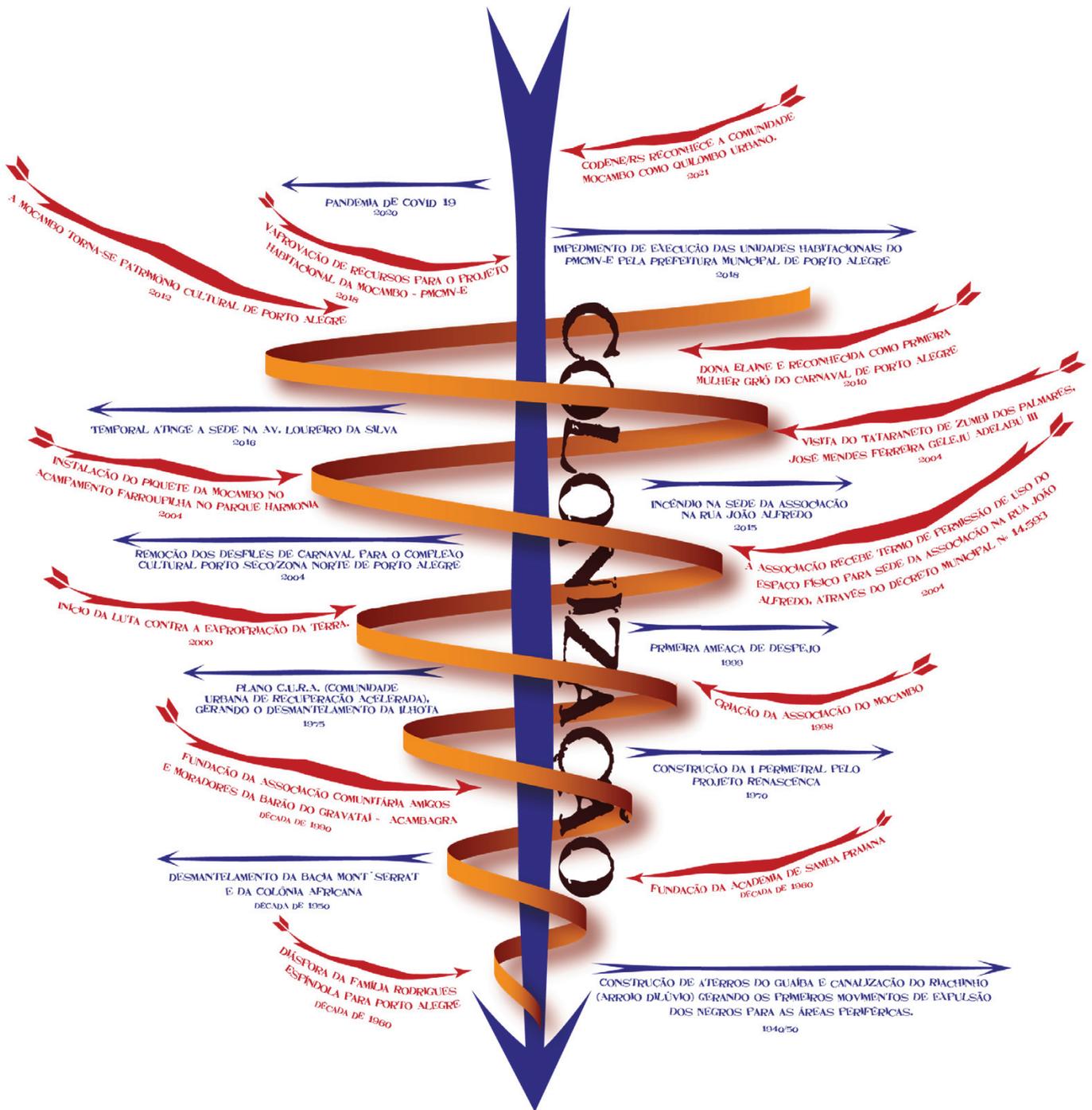


Figura 12 – Espiral da Resistência do Quilombo da MOCAMBO

Fonte: NEGA e Maria Elaine Rodrigues Espíndola (2020). Ilustração: Gabriel Muniz (2021)



CARTOGRAFIAS CONTRACOLONIAIS DO QUILOMBO DA MOCAMBO

As memórias da Mestra Maria Elaine remontam à relação espacial com o bairro Cidade Baixa de Porto Alegre (RS). Estas se integram à origem da formação do bairro e à territorialidade da população negra, que também se estendia à Colônia Africana e à Bacia do Mont´Serrat, as quais passaram por processos de remoção e de exclusão espaciais nas primeiras décadas do século XX, cujo evento mais representativo foi a remoção das populações da antiga Ilhota para o atual bairro Restinga.

A Cidade Baixa é todo um território sagrado e a Mocambo é uma parte, um chão que guarda essa memória! (depoimento pessoal de Maria Elaine Rodrigues Espíndola em entrevista concedida ao NEGA, em 10/09/2020)

A consolidação no território se dá, a partir do cuidado das famílias da MOCAMBO para com o espaço, desde sua chegada à cidade de Porto Alegre. Cuidados, estes, que são ancestrais, aprendidos e vividos em São Sebastião do Caí, que se manifestaram com fluência e com força no espaço central de Porto Alegre e no seu entorno, em que a territorialidade negra inscreveu suas espacialidades e suas narrativas sobre a morfologia urbana. Como moradores da Cidade Baixa, com valores afrocivilizatórios encarnados em suas práticas e em suas vivências quilombolas, observaram o avanço da cidade, sob a égide do desenvolvimento e da higienização urbana, assistido em todo o território. Esse movimento se deu no aterramento do lago Guaíba, na retificação e canalização do arroio Dilúvio, na abertura de grandes avenidas e nas remoções urbanas, feitas de forma violenta, na metade do século XX, por representarem soluções para os problemas de inundação e de saneamento do espaço central da cidade de Porto Alegre.

O desmantelamento territorial das colônias africanas foi acompanhado, sempre, por enfrentamentos, em relação aos desenvolvimentos econômico, social e políticos, apoiados em políticas públicas universais e promotoras da exclusão social e da segregação racial do espaço. Um exemplo importante dessa ideia, considerando a MOCAMBO, está relacionado ao Carnaval, pois o berço do Carnaval popular da cidade se fazia presente na Cidade Baixa, com o Quilombo do Areal, e na antiga Ilhota, espaços notadamente marcados pelas presenças dos coretos e dos blocos de rua no bairro.

Com sua sabedoria, Elaine narra seu território e o liga à presença dos marcadores territoriais, que confluem e que fortalecem a territorialidade da MOCAMBO. Na confluência da diáspora de São Sebastião do Caí com a presença dos marcadores territoriais do povo negro na Cidade Baixa, consolida-se a territorialidade quilombola da MOCAMBO. É nesse sentido, que a MOCAMBO



reivindica seu território, pois a conquista da terra é sinônimo de liberdade, de autonomia e de dignidade de vida, traçada por suas lutas, porém fortalecida pelos saberes ancestrais e pelas vivências em comunidade.

Nesta perspectiva, representamos o mapa **Quilombo da MOCAMBO e ARREDORES: marcadores territoriais** (Figura 13). Os arredores representam uma teia, porque traz uma rede de marcadores, que integram a narrativa espacial do Quilombo da MOCAMBO. A narrativa espacial contém as territorialidades vividas e atravessadas pela resistência e pela permanência no espaço. Um dos marcos históricos desse encontro entre os marcadores territoriais da Cidade Baixa e as corporeidades quilombolas da MOCAMBO se integra a parte do percurso dos territórios negros em Porto Alegre, com a instalação de obras de arte em espaços públicos da cidade². O mapa se relaciona com as histórias e com os espaços da Cidade Baixa e, principalmente, configura o sentido da confluência, das teias e das conexões, estabelecidas entre os elementos que constituem o território: a religiosidade, os espaços de lazer, de convivência, de cooperação, de solidariedade, de luta, de resistência, de festa, de ação política e de economia.

Entre os marcadores territoriais, destacamos a primeira sede da Entidade MOCAMBO, como forma de demarcação simbólica das vivências da etnia negra naquele espaço, em que foi construído, em 2009, o protótipo da *Pegada Africana*, obra que viria a ser construída em 2011, na Praça da Alfândega, pelo escultor, arquiteto e urbanista Vinicius Vieira (Figura 14).

Outro marcador territorial importante, que representa a força da presença negra no território, é indicado pelo espaço de moradia de Osuanlele Okizi Erupê, chamado, no Brasil, como José Custódio Joaquim de Almeida (Príncipe Custódio), nascido em Benim, que morou no terreno ocupado, atualmente, por este edifício. No terreno de sua residência (na rua Lopo Gonçalves, 498), Custódio realizava atendimentos e cerimônias de culto aos Orixás, tornando este espaço sagrado (Figura 15).

Na rua José do Patrocínio, número 998, funcionava o bar *Luanda*, que teve, como um de seus proprietários, José Alves Bitencourt, o Nego Lua, figura histórica do Movimento Negro de Porto Alegre e fundador da entidade Grupo de Trabalho (GT) Angola-Janga. Esse bar também foi de propriedade do Sr. Aristides da Silva, o Tidi, e ficou muito conhecido, nas décadas de 1970/1980, pelo famoso “sopão do Tidi”. O espaço recebia negros, pobres, homossexuais, trabalhadores braçais, entre eles, estivadores, ou seja, abraçava a diversidade, que sempre constituiu a boemia do bairro, que não encontrava aceitação e visibilidade em outros estabelecimentos.

² Mais informações sobre o Museu do Percurso dos Territórios Negros de Porto Alegre podem ser acessadas em: <http://museudepercursodonegroemportoalegre.blogspot.com/>.



Na rua Barão do Gravataí, número 691, constituiu-se a primeira diretoria, oriunda de uma comissão provisória, da Associação Comunitária da Barão do Gravataí/Departamento Negro de Mocambo a Cidadão, atual MOCAMBO. A teia de marcadores encontra um importante elo de relação com a identidade quilombola com o Quilombo do Areal, cujas parcerias se concretizam em forma de projetos para os jovens e para as pessoas da terceira idade da comunidade.

Outro marcador territorial é o Ilê Nação Oyó, localizado na travessa Dilamar Machado (antiga travessa Pesqueiro). Trata-se de um centro religioso de matriz africana, muito tradicional do bairro, atualmente, sob responsabilidade de Ieda Maria Viana da Silva, conhecida como Ialorixá Mãe Ieda do Ogum, o qual funciona há 57 anos no bairro. Os fundos da Casa de Elaine dava para os fundos da Terreira.

A luta pela terra quilombola se relaciona à resistência e ao direito à cidade, empenhada pelas lutas históricas da MOCAMBO. Essa ação é fruto do movimento de resistência, engendrado pelas antigas colônias africanas da cidade e presente nas narrativas espaciais da Cidade Baixa, pela oralidade que mantém vivas as tradições da cultura afro-brasileira. Na cartografia do **Quilombo da MOCAMBO, 1983** (Figura 16), foi realizada a perícia, que representa a expressão dessa oralidade.

O mapa da perícia de 1983 narra o fundamento da confluência territorial da presença do negro na Cidade Baixa, compondo o percurso dos territórios negros. Um dos espaços importantes é o Largo Zumbi dos Palmares, localizado no bairro Cidade Baixa, em frente à atual sede da MOCAMBO. Este espaço fazia parte de uma região chamada Emboscada no início do século XX, porque era coberta por uma densa mata e porque os escravizados encontravam, nesse espaço, um território para se proteger de seus perseguidores. Quando o espaço se tornou alvo das mudanças urbanas, junto com os aterros e com a construção da primeira Perimetral, passou a ser denominado Largo da EPATUR. A partir de lutas do movimento negro, objetivando a mudança no topônimo, foi proposta nova denominação, construída pelas entidades Angola Janga e MOCAMBO entre outras. Atualmente, este se constitui em um espaço de convivência comunitária e em lugar de escambo (foi o espaço primeiro escambo do movimento negro), no qual se adquirem ervas e produtos frescos, para a culinária e para outros fins, como batuques, benzeduras e usos medicinais. O espaço também recebe atividades, relativas à cultura negra, sobretudo, na Semana de Consciência Negra de Porto Alegre, entre outras atividades, ao longo do ano. O Largo é constituído por um conselho, que se denomina Conselho Gestor do Largo Zumbi dos Palmares, com participação de entidades, como o Grupo de Trabalho (GT) Angola-Janga, a MOCAMBO, a Academia Samba Puro, o Clube Negro Satélite



Legenda

- | | | | | | |
|---|-----------------------------|--|--------------------------------|---|----------------------------------|
|  | Entidade Mocambo |  | Boteko Caninha |  | Tambor |
|  | Acampamento Farroupilha |  | Ginásio Tesourinha |  | Terreiro da Mãe Ieda |
|  | Seringueira |  | Monumento Zumbi dos Palmares |  | Travessa Pesqueiro |
|  | Casa do Príncipe Custódio |  | Pegada Africana |  | Mercado Público |
|  | Centro Municipal de Cultura |  | Praça Lupicínio Rodrigues |  | Gasômetro |
|  | Garagem dos Bondes |  | Feira Modelo |  | Residencial Lupicínio Rodrigues |
|  | Estádio Beira-Rio |  | Placa Largo Zumbi dos Palmares |  | Trajetos do Carnaval (1976-1987) |
|  | Bar Luanda |  | Sede 1 - Barão | | |
|  | Academia de Samba Praiana |  | Sede 2 - João Alfredo | | |



Figura 13 – Mapa da Teia de Marcadores Territoriais da Comunidade MOCAMBO. Fonte: NEGA (2020)



Figura 14 – Primeira sede da MOCAMBO e na sua calçada, o protótipo da Pegada Africana

Fonte: acervo de Ariel Rocha de Lima (2020)

Prontidão, a Comunidade Terreira Ilê Axé Yemonja Omi Olodô, o Clube Negro Floresta Aurora e o grupo Embaixadores do Ritmo.

Outro marcador importante no mapa da perícia está associado à avenida Washington Luiz, antiga Praia do Riacho, cujo espaço era muito utilizado pelas lavadeiras do Areal e da região central, trabalho que era realizado, sobretudo, por mulheres negras.

As tradições da MOCAMBO também estão associadas às festas carnavalescas, principalmente, à Escola de Samba Praiana. Com seu surgimento, no início da década de 1960, houve uma nova organização dos blocos carnavalescos em Porto Alegre, envolvendo alas temáticas, samba-enredo, harmonia e destaques de Mestre-Sala e de Porta-Bandeira (Figura 17). Com o período da Ditadura Militar, após 1968, os carnavais passaram a ser controlados, ocorrendo em diferentes espaços, como as avenidas João Pessoa (de 1969 a 1975), Perimetral (de 1976 a 1987) e Augusto de Carvalho (de 1988 a 2003) (KRAWCZYK; GERMANO;



POSSAMAI, 1992). A partir de 2004, os desfiles de carnaval passaram por mais processos de segregação e de exclusão, sendo realocados para um sítio distante de seus espaços de origem: o Complexo Cultural Porto Seco, na zona Norte de Porto Alegre. Este lugar, por sua vez, vem sofrendo um processo de desmantelamento, em função da falta de apoio das gestões públicas na organização da festa popular.



Figura 15 – Prédio, construído no terreno da Lopo Gonçalves, em que, no passado, havia a casa do Príncipe Custódio (à esquerda da imagem).

Fonte: adaptado por Ariel Rocha de Lima (2020), a partir de Santos (2020)



Figura 17 – Integrantes da bateria da Academia de Samba Praiana, em 1970.

Fonte: Museu Joaquim Felizardo (s/d) obtida em www.nonada.com.br



Quilombo da MOCAMBO, 1983



Legenda

Seringueira

Moradia da Família de Maria Elaine na década de 1980

Monumento a Zumbi dos Palmares inaugurado em 1997

Placa Zumbi dos Palmares

Coreto de Carnaval (até 1987)

Território reivindicado pelo Quilombo da Mocambo

Emboscadas (até início do século XX)

Largo Zumbi dos Palmares

Desfile de Carnaval de 1961 a 1968 - Av. Borges de Medeiros

Desfile de Carnaval de 1976 a 1987 - Av. Loureiro da Silva

Desfile de Carnaval de 1988 a 2003 - Av. Augusto de Carvalho

Informações da Aerofotografia

Imagem de 1983 de levantamento aerofotogramétrico de Prefeitura de Porto Alegre



Figura 16 – Imagem aérea do Quilombo da MOCAMBO e do seu entorno, em 1983.

Fonte: NEGA (2020)



TRAVESSIAS EM CURSO PELA COMUNIDADE

Apresentamos, neste capítulo, o pertencimento territorial do Quilombo da MOCAMBO, fazendo referência ao trabalho desenvolvido pelo NEGA, junto à comunidade, em 2020. Os dados são oriundos da coleta de informações, obtidas por entrevistas, por trabalhos de campo e pela realização de mapeamento coparticipativo.

Ressaltamos que as comunidades quilombolas não podem ser generalizadas nem consideradas territórios homogêneos, que apresentam formas idênticas de organização social e de distribuição espacial, sendo metodologicamente equivocado construir um modelo, como instrumento de pesquisa indiscriminado, a ser utilizado para todas as comunidades ou, mesmo, usar somente informações universais, dispostas por instituições oficiais. Considerando o Decreto nº 4.887/2003, é previsto procedimento como este, a fim de compreender as dinâmicas geográficas dos vínculos territoriais e a caracterização socioambiental da comunidade estudada, a fim de subsidiar o reconhecimento do território quilombola, por parte do Estado.

A MOCAMBO possui histórias pluralizadas e, neste capítulo, apresentamos as narrativas, que contam como a associação foi criada e de quais maneiras busca manter os laços comunitários e familiares, lutando pelo direito dos descendentes de africanos ao seu território e ao seu jeito de viver. A MOCAMBO é um exemplo dessa recuperação, feita pela insurgência organizada e pela valorização da manutenção de um jeito próprio de existir, em que o território não é sinônimo de propriedade privada, mas um bem comum.

Para entender tal concepção, é preciso explicitar o que entendemos por quilombo/quilombismo e por mocambo/mocambagem. Segundo Ilka Boaventura Leite (2000), mocambo é quase sinônimo de quilombo, quando o termo é colocado em perspectiva histórica. Para Abdias Nascimento (2019, p. 289-290), o Quilombo de Palmares colocou em contradição toda a estrutura colonial. Para o autor, quilombo significa “[...] reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial”. Como sistema econômico, o quilombismo tem sido a adequação ao meio brasileiro do comunitarismo, ou do ujamaísmo, da tradição africana” (NASCIMENTO, 2019, p. 290). O quilombismo, portanto, é uma prática cultural, que se complexifica, com a multiplicidade de experiências, construídas ao longo dos tempos, no Brasil. Tal termo se complexifica na atualidade, contexto em que as comunidades quilombolas são compreendidas como tradicionais, inclusive, do ponto de vista das políticas públicas. Justamente, tal experiência de comunidade, que se contrapõe ao modelo capitalista, a singulariza, mas, no caso urbano, a problematiza. Nessa perspectiva, o Conselho de Desenvolvimento e Participação da Comunidade Negra do Rio Grande do



Sul (CODENE-RS) emite o reconhecimento da MOCAMBO como quilombo urbano (Figura 18).

Os valores quilombolas, destacados ao longo deste capítulo, confluem para a territorialidade da MOCAMBO, indicando a necessidade da terra, enquanto um direito, para garantir o bem-viver dessa comunidade. Afirma-se a urgência da titularidade da terra da comunidade quilombola da MOCAMBO, com a atenção as suas especificidades culturais e com o respeito ao território original, em sua integridade, já reconhecida por diversos setores da sociedade e diante de sua afirmação territorial na cidade.

SECRETARIA DA JUSTIÇA, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS

MAURO LUCIANO HAUSCHILD
Av. Borges de Medeiros, 1501 - 11º andar
Porto Alegre / RS / 90119-900

Gabinete do Secretário

MAURO LUCIANO HAUSCHILD
Av. Borges de Medeiros, 1501 - 11º andar
Porto Alegre / RS / 90119-900

Resoluções

Protocolo: 2021000508656

RESOLUÇÃO CODENE Nº 03 de 21 de dezembro de 2020.

Reconhece a MOCAMBO - Associação de Remanescentes de Quilombo Amigos e Moradores da Cidade Baixa e Arredores, como Comunidade Quilombola Urbana localizada no município de Porto Alegre

O Conselho Estadual de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra/CODENE-RS, no uso de suas competências regimentais e atribuições conferidas pela Lei no 11.901 de 25 de abril de 2003 e; CONSIDERANDO a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho-OIT que delibera sobre a autodeterminação dos povos;

CONSIDERANDO o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988; CONSIDERANDO a Lei Municipal nº 11.299, de 19 de junho de 2012 que integrou ao Patrimônio Cultural do Município de Porto Alegre a Mocambo - Associação Comunitária Amigos e Moradores do Bairro Cidade Baixa e Arredores;

CONSIDERANDO o Decreto Municipal nº 14.593/2004, que concede à entidade permissão de uso de terreno municipal para desenvolver suas atividades sociais e culturais;

CONSIDERANDO a Resolução nº 001/2020/CODENE-RS, publicada no Diário Oficial do Estado em 12 de fevereiro de 2020, na qual em seu Artigo 2º consta: "Consideram-se remanescentes das comunidades de quilombos, conforme Art. 2º do Decreto nº 4887 de 20 de novembro de 2003, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. Vide ADIN nº 2.239";

CONSIDERANDO o Ofício nº 7 de 17 de dezembro de 2020, da MOCAMBO - Associação de Remanescentes de Quilombo Amigos e Moradores da Cidade Baixa e Arredores, no qual a Presidenta Senhora Maria Elaine Rodrigues Espíndola, solicita a este Conselho o reconhecimento da instituição como Quilombo Urbano na cidade de Porto Alegre;

CONSIDERANDO que a MOCAMBO - Associação de Remanescentes de Quilombo Amigos e Moradores da Cidade Baixa e Arredores tem longa trajetória identitária, de preservação da memória, de guardiã da cultura, com ações voltadas à consolidação e reconhecimento das territorialidades negras em Porto Alegre e;

Figura 18 – Resolução de reconhecimento da Comunidade MOCAMBO como quilombo urbano.

Fonte: Secretária da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos de Porto Alegre (2020)



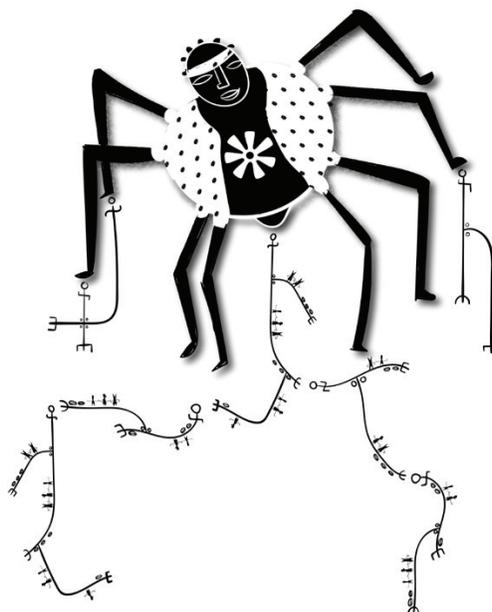
CONVERSANDO SOBRE O QUE ESTAMOS APRENDENDO...

I. Proposta para atividades pedagógicas:

1. Temática: O Quilombo da MOCAMBO: território, memória e identidade.

2. Objetivos:

- Conhecer aspectos da cultura e da história da MOCAMBO;
- Valorizar os saberes tradicionais e a identidade quilombola.



3. Atividade:

I – O Quilombo da MOCAMBO expressa as marcas do protagonismo e da resistência das comunidades negras, que buscam sua permanência no solo de sua ancestralidade, preservando práticas culturais, como o Carnaval, o batuque e as rodas de conversa. Mulheres, como Regina Albuquerque, que passaram a infância na rua Pantaleão Telles (antiga Praia do Riacho e atual rua Washington Luís), faziam parte do compadrio, que é uma das características da MOCAMBO. Segundo a Griô Elaine, a tia Romilda e a vó Alaídes vieram de barco de São Sebastião do Caí para Porto Alegre. O relato de Romilda sobre essa travessia está guardado no Arquivo Histórico Moysés Vellinho de Porto Alegre, que fica na Av. Bento Gonçalves.

- a) Qual é a importância dos registros e das memórias para uma comunidade quilombola, como a MOCAMBO?
- b) Há aproximadamente quanto tempo se tem registro da presença da MOCAMBO no atual território?
- c) Quais elementos culturais se destacam na comunidade quilombola da MOCAMBO, que marcam a sua ancestralidade?
- d) Como a MOCAMBO se destacou, ao representar a cultura afro-gaúcha?

II – Observe o mapa a seguir:



Quilombo da MOCAMBO, 1983



Legenda

 Seringueira

 Moradia da Família de Maria Elaine na década de 1980

 Monumento a Zumbi dos Palmares inaugurado em 1997

 Placa Zumbi dos Palmares

 Coreto de Carnaval (até 1987)

 Território reivindicado pelo Quilombo da Mocambo

 Emboscadas (até início do século XX)

 Largo Zumbi dos Palmares

 Desfile de Carnaval de 1961 a 1968 - Av. Borges de Medeiros

 Desfile de Carnaval de 1976 a 1987 - Av. Loureiro da Silva

 Desfile de Carnaval de 1988 a 2003 - Av. Augusto de Carvalho

Informações da Aerofotografia

Imagem de 1983 de levantamento aerofotogramétrico de Prefeitura de Porto Alegre





- a) Qual elemento natural aparece como um marcador territorial do Quilombo da MOCAMBO?
- b) O mapa apresenta uma área historicamente conhecida como “Emboscada”. Por que essa área ficou conhecida por esse nome, desde o início do século XX?
- c) O que significou a mudança de nome do antigo Largo da EPATUR para Largo Zumbi dos Palmares? Quem propôs essa alteração?
- d) Em que rua está localizada, hoje, a antiga Praia do Riacho?
- e) Qual é o nome do logradouro público, em que ocorriam os desfiles de carnaval, em Porto Alegre, entre os anos de 1961 e de 1968?
- f) Quais são os nomes das três avenidas, em que ocorriam os desfiles de Carnaval, em Porto Alegre, e onde eles ocorrem, atualmente?
- g) Pesquise e responda por que os desfiles de Carnaval de Porto Alegre não ocorrem mais no centro da cidade:

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Andreilino. **Do Quilombo à Favela: a produção do “espaço criminalizado”** no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Brasil Bertrand, 2004.

HERMANN, Jacob Prudêncio. **Rua da Margem, João Alfredo, Década de 1930**. Acervo da Fototeca Sioma Breitman do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Disponível em: <https://www.facebook.com/museudepoa/photos/>. Acesso em: 12 set. 2020

KRAWCZYK, Flávio; GERMANO, Iris; POSSAMAI, Zita. **Carnavais de Porto Alegre**. [Porto Alegre]: Prefeitura Municipal de Porto Alegre – Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

SANTOS, Irene (org.). **Negro em Preto e Branco: história fotográfica da população negra em Porto Alegre**. [Porto Alegre]: Prefeitura Municipal de Porto Alegre – Secretaria Municipal da Cultura, 2005

SANTOS, Irene (coord.). **Colonos e quilombolas: memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre**. [Porto Alegre]: Prefeitura Municipal de Porto Alegre – Secretaria Municipal da Cultura, 2010

SEGANFREDO, Thais. **O ano em que não houve Carnaval em Porto Alegre**. 2018. Disponível em: <http://www.nonada.com.br/2018/03/o-ano-em-que-nao-houve-carnaval-em-porto-alegre/>. Acesso em: mar. 2021.



FICHA TÉCNICA – COMUNIDADE MOCAMBO

Relatório técnico e texto didático-pedagógico: Carla Beatriz Meinerz, Carlos Henrique de Oliveira Aigner, Cláudia Luísa Zeferino Pires, Daniela Rodrigues Espíndola, Diego Mittmann Kaiser Barboza, Giulia Assunção Sichelero, Lara Machado Bitencourt, Laura Isabel dos Santos Flores, Maria Elaine Rodrigues Espíndola e William de Oliveira Silva da Silva.

Fotografia: Ariel Rocha de Lima.

Ilustração: Gabriel Muniz de Souza Queiroz.

Cartografias: Cláudia Luísa Zeferino Pires, Gabriel Muniz de Souza Queiroz, Hiago Godoi Barth, Laisa Zatti Ramirez Duque, Lara Bitencourt, Matheus Eilers Penha e Winnie Ludmila Mathias Dobal.

Trabalho de campo: Carla Beatriz Meinerz, Cláudia Luísa Zeferino Pires, Duan Kissonde, Lara Machado Bitencourt, Laura Isabel dos Santos Flores, Matheus Eilers Penha e Winnie Ludmila Mathias Dobal.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à comunidade MOCAMBO, em especial, às companheiras de luta Maria Elaine Rodrigues Espíndola e Daniela Rodrigues Espíndola e toda a comunidade, pela acolhida, pelo diálogo e pelas muitas conquistas, que ainda estão por vir. Agradecemos à Carla Beatriz Meinerz e ao Duan Kissonde, que se dispuseram na mediação e no diálogo, junto à comunidade, sobretudo, no amparo jurídico.

